



Ano I Nº 228

03 Abril 2007

Índice

Acordo para destravar Doha sai em 30 dias, afirma Lula	01
Brasileiras e canadenses unidas por um ideal	02
USW fecha acordo e greve termina na Vale	03
IG Metall também é contra à contratação de estrangeiros pela ThyssenKrupp no Brasil	03
As palavras e as coisas	04

INTERNACIONAL

Acordo para destravar Doha sai em 30 dias, afirma Lula

Brasil e Estados Unidos devem entrar em acordo, nos próximos 30 dias, sobre uma proposta para destravar a rodada de negociações comerciais na organização Mundial do Comércio (OMC), a chamada Rodada Doha, anunciou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu programa "Café com o Presidente". O compromisso foi assumido pessoalmente pelo presidente dos EUA, George W. Bush, durante a visita do presidente brasileiro a Washington, no fim de semana, afirmou Lula.

"O presidente Bush disse que nesses próximos 30 dias nós deveremos fechar o acordo", contou Lula. "Eu ainda vou ligar para o (primeiro-ministro da Inglaterra) Tony Blair, a chanceler (da Alemanha) Angela Merkel, esta semana para conversar um pouco sobre o resultado da conversa que tive com o presidente Bush", informou, ao afirmar que quer "preparar", para concluir as negociações da Rodada Doha, os parceiros da União Européia, dos EUA e do G-20, grupo de países em desenvolvimento.



Mais tarde, após a reunião ministerial, Lula comemorou a "parceria de alto nível" com Bush e afirmou considerar como ponto alto da visita o "compromisso formal" do americano com a apresentação, em 30 dias, de "propostas para destravar a Rodada Doha".

Também satisfeito com os resultados da visita de Lula aos EUA, e pela classificação das relações bilaterais, pelo governo americano, como um "diálogo estratégico", o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, foi mais pragmático ao falar de prazos. Apesar de classificar o prazo de 30 dias como uma "excelente referência", Amorim lembrou que ainda não há garantias de acordo entre os diversos membros da OMC, embora veja forte compromisso dos presidentes do Brasil e dos EUA em chegar a um consenso sobre os rumos a tomar, até o início de maio.

As próximas semanas serão de intensas negociações, informou Amorim, que espera ter avanços importantes durante encontro que manterá em Nova Déli, na Índia, com negociadores da Índia, EUA e União Européia. Um acordo apenas entre Brasil e EUA, sem participação dos outros sócios da OMC, teria reduzida importância, alertou, ao comentar a necessidade de se chegar a uma posição comum no grupo mais restrito de países, conhecido como G-4, e, logo depois, negociar essa posição com os outros países integrantes da OMC.

Amorim apontou os acordos de cooperação firmados com os EUA para cooperação em quatro países da América Central e Caribe como uma demonstração de confiança no Brasil e das vantagens, para o continente, da aliança entre os dois governos. Lula obteve de Bush a garantia de que o presidente americano buscará, no Congresso dos EUA, aprovar a extensão dos programas de importação sem tarifas para produtos da Bolívia, Equador e Peru. (...) (*Valor Econômico, 03.04.2007*)

Brasileiras e canadenses unidas por um ideal

Intercâmbio internacional de mulheres reúne metalúrgicas brasileiras e canadenses

Entre os dias 16 e 29 de março, uma comitiva de oito mulheres canadenses do CAW (Canadian Auto Workers Union) esteve no Brasil para conhecer de perto a organização sindical das mulheres brasileiras.



Esta é a primeira vez que uma grande delegação de mulheres do CAW - que realiza a parceria com sindicatos brasileiros desde 1990 - viaja ao Brasil para conhecer 'in loco' como é feito o processo de organização com as mulheres no país.

Assim que chegou ao Brasil, o grupo se dividiu em dois. Algumas canadenses visitaram as cidades de Porto Alegre, Erechim, Caxias do Sul e São Leopoldo, enquanto a outra metade esteve em Belo Horizonte. Foram realizadas visitas nos sindicatos para que as representantes do CAW soubessem mais sobre a participação das mulheres sindicalistas do país.

Já entre os dias 25 e 26, toda a comitiva foi até o ABC e, na cidade de São Bernardo do Campo, participou do seminário 'Os Avanços na Organização das Mulheres Metalúrgicas', organizado pelas mulheres da CNM/CUT.

'As intercambistas queriam conhecer como as mulheres metalúrgicas se organizam dentro dos sindicatos, como são realizados os diálogos e seminários', disse Emília. Entre os diversos assuntos que entraram em pauta durante o seminário, temas como a situação da mulher contemporânea no mercado de trabalho, a violência doméstica e a Lei Maria da Penha ganharam um destaque especial. Antes de cada assunto discutido, havia uma dinâmica pra que as sindicalistas canadenses pudessem conhecer melhor os temas.

No último dia de trabalho no Brasil, as metalúrgicas brasileiras e canadenses realizaram uma pequena avaliação de todas as atividades na sede da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, em São Paulo.

Para Julie White, que é diretora de programas voltados para a mulher no CAW, o conhecimento da realidade sindical das mulheres no Brasil foi positivo: 'Somos a primeira delegação a vir ao Brasil, e a forma como as mulheres se organizam aqui é surpreendente. Pois no Canadá há uma boa condição financeira, porém há dificuldades de organização e, no Brasil, mesmo com as dificuldades há a união entre as trabalhadoras e principalmente a criatividade de trazer as mulheres para o sindicalismo'.

A representante do fundo de justiça social do CAW, Annie Labaj também ficou impressionada com o comprometimento e coragem das sindicalistas brasileiras. 'Apesar das dificuldades dentro e fora do sindicato e independente da estabilidade nos empregos, elas compram a briga para melhorar as condições de trabalho'. O CAW é o maior sindicato do setor privado no Canadá. (*Assessoria de Imprensa CNM/CUT, 02.04.2007*)

USW fecha acordo e greve termina na Vale do Canadá

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD-INCO) chegou a um acordo com os funcionários administrativos e técnicos que estavam em greve nas operações de extração de níquel de Sudbury, no Canadá.

Na assembléia do sindicato, foi aprovado o novo acordo em uma votação onde de 87,4% dos trabalhadores votaram a favor.

Apesar de não envolver diretamente funcionários da produção, o sindicato afirmou que os trabalhadores-manifestantes poderiam interromper o transporte de minério para as usinas. A Vale adquiriu as operações de Sudbury quando comprou a mineradora canadense Inco, em 2006.

Os trabalhadores da principal unidade da CVRD Inco no Canadá, onde se situa a mina de Sudbury, já se preparavam para a greve desde a semana passada para a eventualidade de não alcançarem um acordo para a renovação do contrato que estava prestes a expirar. O acordo envolve 330 funcionários das áreas administrativa e técnica filiados ao sindicato Local 2020, vinculado ao United Steelworkers (USW).

'Estamos na fase de negociação e o que nós esperamos são aumentos de salários, pensão e melhoria de benefícios, participação nos lucros e bônus de assinatura de contrato de até 8 mil dólares canadenses', disse ao Valor na semana passada o presidente do Local 2020, Dan O'Reilly. Segundo informou o sindicalista, 'a parte não monetária anda bem, mas quando se toca na questão monetária, a conversa fica diferente'.

Esta é a primeira vez que os trabalhadores canadenses negociaram com a CVRD Inco, depois que Vale do Rio Doce comprou a produtora de níquel no ano passado. A disposição dos representantes dos empregados já era de manter o padrão de negociação de acordos contratuais já estabelecidos no negócio de níquel com as mineradoras locais.

Wayne Fraser, diretor do USW para a região de Ontário (onde fica Sudbury) e a região do Atlântico, disse em nota que a nova companhia precisava provar que pode e quer tratar os trabalhadores de forma justa e com respeito.

O'Reilly adiantou que a CVRD Inco recebeu as propostas dos trabalhadores e retornou com um memorando. 'Estamos otimistas, mas, caso não cheguemos a um acordo, temos mandato de 99,1% dos trabalhadores envolvidos que votaram a favor de uma greve a partir de sábado (amanhã)', disse O'Reilly. Na sua avaliação, a paralisação teria um grande impacto sobre as operações da CVRD Inco.

Diante do impasse nas negociações os trabalhadores resolveram deflagrar a greve que contou com a adesão da totalidade dos trabalhadores. Os funcionários que integram o Local 2020 incluem pesquisadores, técnicos em ventilação, geólogos, analistas ambientais, responsáveis pelas compras, departamento de pessoal, operadores de tratamento de água e administrativos. 'Eles comandam os laboratórios e são cruciais nas operações das unidades de energia e mineração subterrânea', disse O'Reilly. *(Com informações do jornal Valor Econômico e da Reuters).*

IG Metall também é contra à contratação de estrangeiros pela ThyssenKrupp no Brasil

O presidente do IG Metall - o maior sindicato metalúrgico do mundo - na região de Nordrhein-Westfalen, Detlef Wetzel, enviou uma carta de solidariedade à Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT). Em suas linhas, o sindicato alemão defende os interesses dos trabalhadores brasileiros - assim como a CNM já havia expressado em nota oficial (leia aqui) - sobre a possibilidade de contratação de 600 engenheiros chineses para a construção de uma coqueria na Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), de propriedade da ThyssenKrupp, em Itaguaí-RJ.

O tema entrará na pauta da executiva nacional do IG Metall, que considera o assunto extremamente grave. Wetzel diz que 'quando os trabalhadores são colocados uns contra os outros em âmbito internacional, trata-se de uma prática que contradiz a concepção sindical e deve ser combatido'. Além disso, o presidente do IG Metall diz que já informou à direção da ThyssenKrupp sobre o suporte que a entidade dará aos colegas brasileiros, além do agendamento de reuniões para discutir com a empresa sobre as possíveis contratações da mão-de-obra chinesa para atuar no Brasil. *(Assessoria de Imprensa CNM/CUT, 03.04.2007)*

O download do documento original (em alemão) poder ser obtido no formato pdf, clicando em [Carta de solidariedade da IG Metall](#) (*formato PDF, 57 Kb*)

As palavras e as coisas

Feitas para designar as coisas, as palavras podem perfeitamente escondê-las. Não fosse assim, o enunciado de algo desvendaria o seu significado. Mas quem trabalha com palavras sabe das armadilhas que elas podem conter. Elas podem se prestar para manipulações ideológicas. Vamos abordar um caso muito significativo e difundido nos discursos contemporâneos, reproduzidos usualmente pela mídia.

Um jornalista holandês aborda a utilização de algumas palavras para se referir ao conflito entre Palestina e Israel, e como elas revelam operações ideológicas que precisam ser decifradas. Joris Luyendijk usa exemplos da cobertura desse conflito para demonstrar como a forma pela qual se denominam as coisas imprime imeditamente um caráter ao noticiário e ao sentido mesmo do conflito.

Devemos usar "Israel", "entidade sionista", "Palestina ocupada"? "Intifada", "novo Holocausto", "luta de independência"? Os territórios são "questionados" ou "ocupados"? Devem ser "cedidos" ou "devolvidos"? Trata-se de uma "concessão" se Israel chegar a cumprir as decisões de tratados internacionais que caracterizam os territórios como ocupados e que devem ser devolvidos?

Não há palavra neutra, diz ele. E nos convida a um exercício de múltipla escolha, diante da notícia de uma agência internacional:

"Hoje na Judéia e na Samaria / nos territórios palestinos / nos territórios ocupados / nos territórios disputados / nos territórios liberados, três palestinos / inocentes / terroristas muçulmanos foram eliminados preventivamente / brutalmente assassinados / mortos pelo inimigo sionista / pelas tropas de ocupação israelenses / pelas forças de defesa israelense."

Reescreva como lhe parece que deva ser dada a notícia e eu te direi quem és, qual a visão que tens do conflito, das forças que se enfrentam e, ao mesmo tempo, das agências de notícias e da imprensa que reproduz suas versões.

E Joris se pergunta: por que um judeu que reivindica a terra que foi dada por Deus é um "ultranacionalista", enquanto que um muçulmano que pensa da mesma forma é um "fundamentalista"? Por que um governante árabe que escolheu uma política diferente daquela dos ocidentais é um "anti-ocidental" e um governante ocidental que escolheu uma política diferente daquela dos orientais não é chamado de "anti-oriental"? Alguém já viu um líder político estadunidense ser chamado de "radicalmente antiárabe"? Já viram o governo Bush qualificado de "um governo radicalmente antiárabe"?

Um dirigente israelense que acredita no diálogo é chamado de "pomba". No entanto um palestino que acredita na mesma via é chamado de "moderado", para dar uma idéia de que a violência se instalou no coração de cada palestino, com alguns dentre eles conseguindo "moderar" essa natureza profunda. E enquanto Hamas "odeia" Israel, nenhum partido ou líder israelita jamais "odeia" os palestinos, mesmo quando pregam sua expulsão. Neste caso trata-se de uma "limpeza étnica"? Ou de uma "deslocação involuntária"? Ou simplesmente de uma "transferência"?

A grande mídia ocidental não usa a palavra "ocupação!" para designar os territórios palestinos sob controle militar de Israel. Pedem à Autoridade Palestina que modere a resistência, procurando que ela "demonstre que não fez o suficiente contra a violência". Mas não se explica aos ocidentais o terror, a opressão, a humilhação que se esconde por detrás das palavras "ocupação". Os correspondentes ocidentais falam dos "sangrentos atentados suicidas", mas nunca da "sangrenta ocupação". Os mortos israelenses – três vezes menos que os palestinos – têm nome, sobrenome, cara, família, emprego, amigos, bairro e casa em que mora, enquanto que os palestinos desaparecem sob a expressão – terroristas palestinos e outras versões afins.

Fidel Castro é invariavelmente "ditador", não sendo chamado assim o presidente egípcio Mubarak ou o presidente paquistanês Mousharaf ou os dirigentes de países árabes aliados do Ocidente. Como tampouco os ditadores brasileiros – Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo -, todos ex-presidentes brasileiros, segundo a imprensa local.

Os canais de noticiário costumam caracterizar seu trabalho com lemas como "Nós informamos, você decide". Mas fica claro que o tipo de informação – e de palavras para designar quem é quem em cada conflito e qual sua natureza -, condiciona fortemente, quando já não contem em si as respostas daquilo que aparentemente está perguntando. (Emir Sader) (*Carta Maior*, 22.03.2007)